



RISCOS



**CORPOS FEMININOS COMO FATOR DE RISCO SOCIAL:
ANÁLISE DA ESPACIALIDADE DA VULNERABILIDADE DE GÊNERO ENTRE JOVENS ESTUDANTES***

**THE FEMALE BODY AS SOCIAL RISK FACTOR:
SPATIAL ANALYSIS OF GENDER VULNERABILITY AMONG YOUNG STUDENTS**

Alicia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, Laboratório de Pesquisa em Educação Geográfica (Brasil)
Instituto de Estudos Socioambientais

ORCID 0000-0002-7485-9542 aliciaoliveirapereira@gmail.com

Carla Juscélia Souza

Universidade Federal de São João del-Rei (Brasil)
Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia

ORCID 0000-0002-1426-4790 carlaju@ufsj.edu.br

RESUMO

Este trabalho discute as contribuições da educação geográfica para a análise da espacialidade da vulnerabilidade de gênero entre jovens estudantes de uma escola da rede pública, em São João del-Rei, Brasil. Para isso, desenvolveu-se um percurso educativo geográfico, intitulado 'Geoficinas', que leva em consideração as geografias, espacialidades e o cotidiano das alunas. Esse percurso educativo fundamenta-se nos princípios do raciocínio geográfico e nas contribuições das epistemologias das Geografias Feministas. Por meio das metodologias de pesquisa-ação e leitura dos espaços geossimbólicos foram analisadas as falas, percepções, vivências e narrativas das jovens estudantes em relação à dimensão espacial do risco social decorrente da desigualdade de gênero. Os resultados revelam que a maioria das estudantes já sofreu ou sofre violência de gênero e que elas demonstram-se engajadas em ações de segurança e prevenção. Esses fatos destacam a importância de se considerar o espaço da escola como lócus onde se dialoga e se reproduz diversos elementos que costumam a sociedade.

Palavras-chave: Educação geográfica, vulnerabilidade, gênero.

ABSTRACT

This work discusses the contributions of geographic education to the spatial analysis of gender vulnerability among young students at a state school in São João del-Rei, Brazil. For this, a geographic educational path was developed, called 'Geoficinas', which takes into account the geographies, spatialities, and daily life of the students. This educational path is based on the principles of geographic reasoning and on the contributions of the epistemologies of feminist geographies. Using action-research methodologies and the reading of geosymbolic spaces, the speeches, perceptions, experiences and narratives of the young students were analysed in relation to the spatial dimension of social risk resulting from gender inequality. The results reveal that most students have already suffered or are suffering from gender violence and that they are engaged in safety and prevention actions. These facts underscore the importance of considering the school space as a place for dialogue and reproduction of the various elements that make up society.

Keywords: Geography education, vulnerability, gender.

* O texto deste artigo corresponde a uma comunicação apresentada ao VI Congresso Internacional de Riscos, tendo sido submetido em 02-10-2023, sujeito a revisão por pares a 09-11-2023 e aceite para publicação em 14-02-2024. Este artigo é parte integrante da Revista *Territorium*, n.º 31 (N.º Especial), 2024, © Riscos, ISSN: 0872-8941.

Introdução

Este estudo compreende parte dos levantamentos e das reflexões realizadas na pesquisa de mestrado, que investiga a importância da educação geográfica para a análise da espacialidade da vulnerabilidade de gênero entre jovens estudantes de uma escola pública. O estudo fundamenta-se na abordagem do Risco Social (Veyret, 2007; Lourenço e Amaro, 2018; Castro e Fernandes, 2019), da Geografia Cultural Renovada (Corrêa e Rosendahl, 2012; Duncan, 2012; Silva *et al.*, 2017) e Educação Geográfica (Callai, 2010; Cavalcanti, 2019).

A partir da condição do corpo generificado feminino como um fator de risco social, imbricado em complexas relações espaciais entre corpos, identidades e poder, a pesquisa considerada as experiências espaciais de um grupo de jovens estudantes, de 15 a 16 anos, do 1º ano do Ensino Médio da Escola Doutor Garcia de Lima, na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. Esse assunto é concebido nessa pesquisa como conteúdo relevante e necessário na discussão sobre a vulnerabilidade do corpo feminino e a contribuição da educação geográfica na análise espacial dessa vulnerabilidade. Deste modo, através da abordagem fenomenológica, dos princípios do raciocínio geográfico e da pesquisa-ação buscou-se analisar as falas, as percepções, as vivências e as narrativas das jovens estudantes diante da espacialidade do risco social decorrente da desigualdade de gênero.

Partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade de riscos (BECK, 1998), este trabalho considera a dinâmica dos riscos sociais, no que tange a vulnerabilidade de gênero. Esta temática é considerada no âmbito da educação geográfica a ser trabalhada na escola, como parte de um percurso metodológico que considera as vivências espaciais de jovens estudantes. Tais vivências possuem estreita relação com sensações contemporâneas de incerteza, perigo, insegurança e medo, em associação com a exposição de corpos femininos, que encontram-se mais vulneráveis do que outros, motivada por questões socioeconômicas, identitárias, culturais e, sobretudo, por questões estruturantes de poder que engendram a sociedade. Nesse sentido, ao pensar o risco social associado à perspectiva do corpo generificado feminino, o mesmo configura-se como um marcador que sente a dinâmica normativa e os riscos nos distintos espaços, tanto em si quanto nos lugares em que se materializa fisicamente e/ou simbolicamente.

Silva (2009) vêm problematizando a ausência das questões de gênero e sexualidade no ensino de Geografia, tendo em vista a relevância da temática para pensar a espacialidade dos alunos, que constituem os espaços escolares. Algumas teóricas como bell hooks (2017) e Guacira Lopes Louro (2010) reforçam perspectivas

feministas, críticas e libertadoras na discussão de gênero para pensar o espaço escolar. A contribuição desses estudos auxilia no processo de reflexão da inserção da temática de gênero no ensino de geografia.

Nesse sentido, levanta-se a seguinte questão norteadora desta pesquisa: qual a importância da educação geográfica na construção de um olhar espacial da vulnerabilidade associada à questão de gênero? Como as alunas percebem essas vulnerabilidades no corpo-espaço? Se não percebem, o porquê? Essas questões motivam as intencionalidades e investigações desta dissertação, cujo objeto de estudo consiste na construção de um olhar espacial e do corpo, a partir do entendimento da vulnerabilidade do corpo generificado feminino, pela abordagem da educação geográfica.

A fim de investigar as contribuições da educação geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade de gênero entre as jovens estudantes, a pesquisa parte das hipóteses de que as jovens estudantes “sentem” a vulnerabilidade, porém carecem de reflexão em torno das estruturas espaciais e de poder que provocam uma maior suscetibilidade a exposição e vulnerabilidade de gênero e que a educação geográfica desperta o olhar espacial da vulnerabilidade no Lugar e no Território, possibilitando que essas jovens construam percepções e ações frente a vulnerabilidade de seus corpos nesses espaços.

Nessa perspectiva, este estudo possui como objetivo geral: investigar o papel da educação geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade na condição do corpo-espaço generificado feminino entre as jovens estudantes da escola, com ênfase na percepção e experiências dessas alunas em seus espaços de vivência. Entre os objetivos específicos estão: (i) conhecer as identidades femininas presentes entre as jovens estudantes; (ii) analisar geograficamente as suscetibilidades dessas identidades femininas a sofrerem riscos; e (iii) discutir ações que contribuam com a educação para o risco e prevenção relacionado à vulnerabilidade de gênero no contexto de uma educação geográfica.

Sendo assim, este trabalho discute acerca das contribuições da educação geográfica para a análise espacial do fenômeno da vulnerabilidade de gênero, associada à questão do gênero feminino como um fator de risco social. Diante disso, a partir da perspectiva do corpo, em específico ao corpo de mulheres, intenciona-se refletir acerca da exposição e vulnerabilidade desse corpo à suscetibilidade de situações de risco e perigo, a partir do diálogo e experiências entre um grupo de jovens estudantes.

Este artigo está estruturado em três partes. A primeira parte abrange as discussões teórico-conceituais relacionadas ao risco social e à educação geográfica. A segunda parte concentra-se no percurso educativo geográfico denominado ‘Geoficinas: vulnerabilidade de

gênero', que considera as geografias, espacialidades e vivências das alunas. Na terceira parte são abordadas de forma detalhada três geoficinas específicas: (i) "Um corpo feminino viajando pelo mundo"; (ii) "Mulheres: a potente multiplicidade do ser"; e (iii) "Mulheres em risco: vulnerabilidade de gênero". Cada parte é essencial para compreender a análise espacial da vulnerabilidade de gênero entre jovens estudantes.

Risco Social: o corpo generificado feminino como fator de vulnerabilidade

De acordo com Beck (1998), vive-se em uma sociedade de riscos devido a generalização e produção de riscos, perigos, vulnerabilidades, exposições e incertezas, gerando constante sensação de medo e insegurança. A sociedade contemporânea, encontra-se, portanto, inserida em um sistema econômico no qual a produtividade de riquezas e a própria produção social e espacial são acompanhadas também pela (re)produção de riscos (Pereira *et al.*, 2022).

Os riscos são intrinsecamente processos de uma construção social, são produzidos a partir da ação da sociedade e é sobre ela que os processos perigosos se manifestam (Canil *et al.*, 2020). Nesse contexto, diretamente associada aos riscos, está a vulnerabilidade, atrelada a uma série de contingências sociais, políticas, econômicas e culturais, que explicitam diferentes condições de exposição e fragilidade dos grupos sociais aos diferentes tipos de riscos de desastres.

Lourenço (2015, p.34), define o risco social por "[...] fenômenos derivantes da (in)capacidade humana de viver em harmonia com o seu semelhante, a partir dos princípios de liberdade e igualdade, gerando desigualdades e iniquidades", que detém caráter sociocultural, econômico e político. Lourenço (2006) ainda subgrupa os riscos sociais em três categorias: os riscos associados a perturbações dos ecossistemas urbanos e rurais; conflitos bélicos e os relacionados a convulsões sociais.

Tendo em conta a dimensão dos riscos sociais, Bauman (2014) aponta que muitas das sensações sociais associadas à vida contemporânea estão relacionadas com a sensação de precariedade, instabilidade e vulnerabilidade, expressando uma combinação de três tipos de experiências: incerteza; falta de garantias e insegurança (Castro; Fernandes, 2019).

Estes autores têm dedicado à questão da sistematização e organização conceitual dos riscos sociais, consideram que se tratam de fenômenos complexos e com uma forte difusão espacial. Os autores colocam que tanto os aspectos tangíveis materiais quanto os elementos intangíveis complicam a definição de uma taxonomia precisa e estável (Castro; Fernandes, 2019).

Mendes (2015) e Butler e Miller (2017) ressaltam a complexidade de sistematizar os riscos sociais, argumentam que a dificuldade não reside na falta de fenomenologia, mas, sim, na interpretação contextual das situações sociais. Isso muitas vezes envolve a parcialidade interpretativa, influenciada por posições políticas bem como a dificuldade de manter uma distância analítica devido à construção de uma dimensão ideológica decorrente do cotidiano econômico-financeiro. Essas perspectivas adicionais evidenciam as múltiplas camadas e desafios inerentes à compreensão dos riscos sociais.

Abellan-Perpinán (2010) enfatiza a importância das dimensões perceptivas tanto em nível individual quanto global na definição dos riscos sociais. O autor ressalta que, diante de fenômenos semelhantes, a compreensão e concepção do nível de perigo podem variar e ser interpretados de forma diversa. Essa diversidade de perspectivas surge de características individuais específicas, como faixa etária, contexto cultural e as experiências multiterritoriais, que influenciam a forma como os riscos sociais são percebidos e compreendidos pelos diferentes atores envolvidos.

Dentre a sistematização existente, em relação aos riscos sociais, destaca-se a importância de abordar os riscos associados às convulsões sociais, como teorizado por Lourenço (2019), ligadas a diversos fatores, especialmente aqueles relacionados às questões estruturais da sociedade como os aspectos econômicos, políticos, culturais, raciais e de gênero, que comprometem a segurança e a ordem de diversos grupos sociais.

À vista dessas abordagens, o subtipo relacionado a convulsões sociais se sobrepõe na perspectiva de investigação dos riscos relacionados ao corpo da mulher, tendo em consideração que a produção do risco social legitima determinados tipos de violência, motivados pela estrutura e pela desigualdade de gênero, produzindo vulnerabilidades.

As convulsões sociais estão associadas a diversos fatores, especialmente relacionados com as questões estruturantes da sociedade no que tange aos encadeamentos econômicos, políticos, culturais, raciais e de gênero, que comprometem a segurança e a ordem de diversos grupos sociais. Assim, dentre as estruturas sociais que reproduzem e legitimam determinados tipos de violência e ameaças, em relação ao risco sofrido pelo corpo generificado feminino, a estrutura social advinda da cultura patriarcal e do racismo estrutural constitui-se como um dos sustentáculos dessa (re)produção de riscos e das vulnerabilidades.

O conceito de vulnerabilidade social está atrelado a uma série de contingências sociais, políticas, econômicas, culturais, tecnológicas, entre outras, que explicitam

diferentes condições de exposição e fragilidade de grupos sociais aos riscos (Canil *et al.*, 2021). Sendo que, o grau de vulnerabilidade social das comunidades ou indivíduos afetados vão determinar a capacidade de reconstrução após algum desastres reflete a realidade das condições socioeconômicas e socioespaciais frente à exposição aos riscos. Ademais, “[...] a vulnerabilidade não se restringe à categoria econômica, passando por organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero, etnia” (Guareschi *et al.*, 2007, p.22). À vista disso, a vulnerabilidade de gênero, considerando o corpo da mulher, relaciona-se com fatores e marcadores de identidades femininas que interferem na suscetibilidade a perigos e violência de gênero. Portanto, a exposição aos riscos e a capacidade de resposta de uma sociedade está intrinsecamente associada à vulnerabilidade social.

Blaikie *et al.* (2004) sistematizam um modelo de progressão da vulnerabilidade fundamentado em três dimensões: causas profundas, pressões dinâmicas e condições inseguras, conforme exposto por Sâmia Sulaiman (2021) no Caderno Técnico de Gestão Integrada de Riscos de Desastres. Segundo os autores, a progressão da vulnerabilidade

“[...] decorre de causas profundas (crescimento econômico com exclusão social, desigualdade de classe, gênero e raça, valores culturais - personalismo, fatalismo, racismo); decorre de pressões dinâmicas (falta de política de aumento real do salário mínimo, de investimento em ensino e pesquisa, participação social; de macroforças - urbanização periférica, ocupação irregular, déficit habitacional, crescimento populacional, degradação ambiental e corrupção) e de condições inseguras (ambiente físico frágil, frágil economia local e ações públicas - falta de saneamento básico, política assistencial insuficiente, inexistência de Defesa Civil municipal, etc.)” (GIRD+10, 2021, p.11, grifo nosso).

Pode-se dizer que, a vulnerabilidade social, relacionada à questão de gênero, tem em “causas profundas” parte de sua origem, na medida em que a vulnerabilidade é progressiva (Blaikie *et al.*, 1996 e Blaikie *et al.*, 2004) e está vinculada à questões de sistemas políticos e sociais que organizam a vida em sociedade.

Nessa perspectiva, a estrutura e a herança patriarcal constituem-se como uma causa em relação à vulnerabilidade de gênero. A existência de grupos mais vulneráveis do que outros adquire uma dinâmica que possibilita realizar um paralelo com questões estruturais da sociedade, englobando estruturas de gênero, assim como a de classe, raça, sexualidade e outros fatores sistêmicos.

Partindo da vulnerabilidade, a partir de causas profundas, em uma perspectiva construcionista, a vulnerabilidade de gênero possui origens sistêmicas que reproduzem este tipo de risco social, em que mulheres encontram-se expostas a processos perigosos. O risco sistêmico, conforme Canil *et al.* (2021), é um risco em que determinados grupos sociais específicos estão propensos, por características que os identificam. Nessa perspectiva, identidades no que tange a questão de gênero é marcada socialmente por heranças patriarcais e racistas, fazendo com que o corpo generificado feminino esteja em risco iminente, sendo que nesses casos os corpos femininos negros, homoafetivos e transexuais encontram-se ainda mais expostos à situações de insegurança e perigos diversos.

Assim, a vulnerabilidade de gênero, associada ao contexto do corpo generificado feminino, possui uma dinâmica vinculada às práticas humanas culturalmente instituídas, relações estas que coexistem e, também, produzem o espaço geográfico. A partir da perspectiva de que a existência é corporal e também espacial (Le Breton, 2010), a Geografia adquire evidência nessa discussão, a medida em que os fenômenos sociais que produzem lógicas de poder constituem suas práticas espacialmente.

O gênero é culturalmente construído, de modo que o mesmo não é resultado causal do sexo nem tampouco fixo (Butler, 2018). A autora traz reflexões em torno do questionamento dos essencialismos da universalidade da identidade feminina, presente em debates feministas contemporâneos. Sendo assim, a categoria “mulheres” constitui-se, muitas vezes, a partir de uma visão normativa e excludente, que cria ideais fixos do que é ser feminino, sem considerar neste processo pluralidades interseccionais. Na multiplicidade de performatividade e vivências espaciais, em relação ao gênero feminino, compreendem as “identidades femininas”, no plural. Não existe, portanto, a partir da perspectiva teórica da autora um fixo de feminilidade.

Nesta perspectiva, que considera múltiplas identidades femininas, os corpos são atravessados por vários marcadores de desigualdades - além do gênero, da raça, da sexualidade e da classe social e opressões, em graus diferentes nos diferentes espaços geográficos. Esses marcadores fazem com que existir, espacialmente, associado às múltiplas identidades femininas produzem vulnerabilidades em diferentes graus. Ou seja, os marcadores sociais e corporais, como a questão de gênero, sexualidade, racialidades, classe, dentre outras interseccionalidades (Crenshaw, 2002) são estruturas importantes na reflexão dos graus de vulnerabilidade e exposição em relação ao corpo da mulher. Portanto, precisam ser considerados, também, na análise dos espaços e na educação geográfica.

Educação geográfica e olhar geográfico do fenômeno da vulnerabilidade de gênero no espaço escolar

No campo do Ensino de Geografia, Cavalcanti (2002) afirma que “[...] *o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social*” (2002, p. 12-13). E, ainda, o ensino de conteúdos “[...] *deveria ser uma ação que ensinasse a se fazer análise geográfica de fatos e fenômenos*” (Cavalcanti, 2019, p. 63). Essas citações destacam a importância e a contribuição da geografia na educação básica para uma cidadania, individual e coletiva. Uma formação cidadã que considere a diversidade e a multiplicidade de performatividade, com base nos elementos discutidos na seção anterior.

Ainda segundo a autora, no que tange a compreensão da peculiaridade e especificidade do ensinar geográfico, “[...] *um primeiro passo é ter clareza sobre as questões que são feitas por um sujeito que quer analisar um fato, um fenômeno ou acontecimento do ponto de vista geográfico*” (Cavalcanti, 2019, p.67). Nesse sentido, o fato sob o ponto de vista geográfico corresponde à vulnerabilidade do corpo feminino no espaço escolar. Esse fato, inicialmente, pode parecer distantes das discussões geográficas. Mas, em função da pergunta que se faz, nota-se que cabe também na análise geográfica.

No contexto do Movimento de Renovação da Geografia, Foucher (1998, p. 21) ressalta como sendo questões tipicamente geográficas *o onde?*; *o por que aí?*, que segundo Cavalcanti (2019, p. 68) *“obrigam o pensamento a considerar um conjunto de escalas”*. Essas perguntas de ordem espaciais são fundamentais para elaborar raciocínios que serão acionados a partir da capacidade do pensamento geográfico de fenômenos espaciais. Nesse sentido, Gomes (1997, 2002, 2009, 2013, 2017) destaca que a Geografia consiste em uma forma de pensar, uma forma original de produzir conhecimentos. Em relação à identidade da ciência geográfica, o autor reforça a relevância das perguntas realizadas ao objeto, que “[...] *indagam a explicação das localizações; por isso são tão importantes a composição, o sistema de composição das localizações e seus ordenamentos espaciais*” (Gomes, 2009, p.25).

Em reflexões realizadas por Cavalcanti (2016), acerca do olhar geográfico e as espacialidades da juventude na sociedade contemporânea, a autora ressalta a pertinência do olhar geográfico alicerçado na multiplicidade espacial, analisada com referências de diferentes escalas, da local à global. Ainda, considera que a visibilidade do múltiplo demanda o reconhecimento da diferença, *“trata-se buscar ver o mundo na contradição do local com o global, do incluído e do excluído”* (Cavalcanti, 2016, p. 122). Nesse sentido, o olhar geográfico confere

“possibilidades de descobrir novas questões a partir de um outro olhar” (Gomes, 2013, p.16), com a ajuda dos conhecimentos geográficos.

Além disso, no que tange às vivências espaciais da juventude na contemporaneidade vale-se considerar a inserção do corpo no processo das análises geográficas e práticas escolares, posto que *“as pessoas vivem espacialmente com as imposições e possibilidades, antes de tudo, do seu corpo”* (Cavalcanti, 2016, p.126).

Sendo assim, no que se refere às identidades e corporeidades da juventude, pode-se estabelecer paralelo com os marcadores sociais de gênero, racialidades e sexualidades que influenciam na produção dos riscos sociais, em função de uma sociedade marcada por desigualdades e opressões em relação aos corpos marginais. Nesse sentido, “[...] *quando é possível ouvir as narrativas dos jovens, percebe-se que eles desejam outra forma de organização espacial*”, reivindicando maneiras mais igualitárias de viverem suas identidades espacialmente (Cavalcanti, 2016, p. 134).

Nesse contexto, Cavalcanti (2016) ressalta a substancialidade do processo de aprendizagem comprometido com o levantamento de discussões acerca dos diferentes elementos que produzem as espacialidades contemporâneas, que implica em um *“jeito de ensinar geografia que tenha a ver com o discurso, em sua natureza social e ideológica”* (Cavalcanti, 2016, p.134), inserido em um contexto social onde as relações de poder regulam as práticas socioespaciais.

Recorrendo ao exposto por Cavalcanti (2013), o ensino de geografia, portanto, configura-se como um processo importante no qual os jovens podem tomar consciência de suas experiências espaciais com a cidade em que vivem, pelo desenvolvimento de um pensamento geográfico articulado, ampliando a maneira com que se perceberem espacialmente e desnaturalizando práticas sociais que ocorrem em seus cotidianos e suas geografias.

As reflexões oriundas das Geografias Feministas contribuem para esta discussão a medida em que os estudos desta linha epistemológica abrem possibilidade para análises espaciais de grupos sociais e/ou sujeitas/os invisibilizados (Silva, 2009; Silva *et al.*, 2013), considerando suas realidades espaciais.

Apartir do exposto, uma educação geográfica que leva em consideração a realidade espacial, corporal, bem como as estruturas que produzem o espaço geográfico, contribui para a construção de um olhar para o entendimento da vulnerabilidade, levando em consideração as diversas relações que ocorrem nos territórios.

É relevante, a partir da educação geográfica, pensar a espacialidade dos fenômenos de riscos, no sentido de desenvolver e formar indivíduos com o intuito de

refletir criticamente o espaço em que estão inseridos, sendo capazes de ver, reconhecer e agir sobre os processos presentes nesses espaços, orientando-se para a compreensão de diferentes vieses e contradições presentes na (re)produção dos riscos.

A educação geográfica, por conseguinte, possui potencial como um dos caminhos para a percepção e realização de um olhar espacial da vulnerabilidade entre jovens. Nessa perspectiva “[...] *configura-se como um horizonte importante de reflexão acerca da construção de um olhar espacial para o entendimento da vulnerabilidade de gênero e das estruturas espaciais que produzem opressões*” (Pereira *et al.*, 2022, p. 550).

A educação geográfica oferece novas construções e possibilidades para “[...] *questionarmos as heranças políticas e sociais, construindo possibilidades de redes de resistência e (re)existência, fomentando um olhar espacial crítico para a vulnerabilidade*” (Pereira *et al.*, 2022, p. 552). Nesse sentido, trabalhar com a produção social de riscos constitui-se como uma oportunidade para se repensar, também, a constituição do espaço geográfico e possibilidades plurais quanto ao ensino de geografia.

Nessa linha de pensamento, durante os meses de dezembro de 2022 a maio de 2023, foram desenvolvidas oficinas de estudos sobre a questão do gênero feminino com estudantes do Ensino Médio, em uma escola pública na cidade de São João del-Rei, conforme apresentado e discutido na seção seguinte.

Abordagem metodológica - Percurso educativo geográfico ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’

O presente estudo adota a abordagem fenomenológica como seu método de análise. No que diz respeito aos aspectos metodológicos, esta investigação baseia-se na construção de um percurso educativo geográfico denominado ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’, que considera as geografias, espacialidades e cotidiano das alunas do Ensino Médio. Esse percurso fundamenta-se nos princípios do raciocínio geográfico (Moreira, 2007; Gomes, 2013) e utiliza as metodologias de pesquisa-ação (Thiollent, 2004) e leitura dos espaços geossimbólicos (Heidrick, 2016), visando analisar as falas, percepções, vivências e narrativas das jovens estudantes diante da espacialidade do risco social decorrente da desigualdade de gênero. A pesquisa contou com a participação de doze alunas, distribuídas nos módulos das Geoficinas realizados de setembro a dezembro de 2022.

As ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’ configuram-se como um percurso educativo geográfico, organizado em módulos e pautados em uma dinâmica de dialogicidade, com a intencionalidade de construção de um olhar espacial acerca da espacialidade do fenômeno da vulnerabilidade de gênero. Os encontros/

oficinas têm como foco a percepção, as vivências e as experiências das estudantes que aceitaram participar voluntariamente das atividades das Geoficinas. Essas atividades correspondem à: mapeamentos colaborativos, colagens a partir de recortes de revistas, elaboração de mapas síntese, confecção de cartazes, jogos e boletins geográficos escolares, referentes aos assuntos riscos, vulnerabilidades, gênero feminino e espacialidades de medo, perigo e resistências.

Para a análise dos discursos e reflexões das alunas, recorreu-se ao estudo dos registros realizados nos diários de bordo. Conforme Lacerda (2021) o diário de bordo consiste em uma importante ferramenta metodológica que proporciona um leque de possibilidades didático-pedagógicas, contribuindo para uma visão mais abrangente das vivências em sala de aula, proporcionando reflexão, autonomia e desenvolvimento de novas práticas educativas.

Durante as Geoficinas diversos objetivos foram estabelecidos, dentre eles destaca-se aqui problematizar a espacialidade dos processos perigosos que as estudantes sofrem no cotidiano, motivados pela questão de gênero. Para isso, os encontros foram organizados a partir de princípios e raciocínios geográficos (Moreira, 2015) que auxiliaram no processo de construção de um olhar espacial, através do caleidoscópio geográfico. A perspectiva do raciocínio geográfico remete a leitura dos fenômenos sociais e naturais a partir das categorias base de análise geográfica - paisagem, espaço e território - sendo que essas categorias são sustentadas por princípios lógicos de *localização, distribuição, distância, conexão, delimitação e escala* (Moreira, 2015, destaque nosso).

No ensino, uma educação geográfica que instigue os alunos a pensar geograficamente os fenômenos espaciais de seus cotidianos implica em operar com o raciocínio geográfico em contexto de ensino-aprendizagem, por meio de um conteúdo e de uma mediação didática. As ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’, portanto, utilizam desses princípios geográficos para a construção de um olhar espacial - e geográfico - acerca da vulnerabilidade de gênero entre o grupo de estudantes.

Outro pilar fundamental, que embasa teórica e metodologicamente esse percurso educativo, reside nas contribuições das epistemologias das Geografias Feministas. Essas abordagens têm como objetivo primordial questionar as construções sociais de gênero e compreender seus impactos na produção do espaço, problematizando as desigualdades e hierarquias presentes nas relações de poder.

Silva (2009, p.65) considera que a Geografia Feminista é aquela “[...] *que incorpora as contribuições teóricas do feminismo à explicação e interpretação dos fatos geográficos*” e considera a categoria gênero como

conceito necessário a pesquisa em geografia. Segundo a autora “[...] a Geografia, de uma maneira geral, tem considerado a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo”, contudo nem a sociedade nem o espaço são neutros do ponto de vista do gênero. A abordagem feminista da geografia examina de que modo os sistemas políticos, econômicos e culturais que configuram os papéis de gênero, determinam ou restringem o lugar socioespacial dos sujeitos. Salientam-se algumas orientações teóricas e metodológicas das epistemologias feministas que, num movimento de crítica a ciência canônica, masculina e eurocêntrica, contribuem também para a construção de uma geografia feminista que busque desconstruir invisibilidades históricas. Em relação a essa abordagem das geografias feministas, destaca-se o referencial político-teórico a respeito do “*ponto de vista situado*” - “*feminist standpoint*” ou “*situated knowledge*” (Donna Haraway, 1995).

Desse modo, as ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’ representam uma oportunidade de diálogo e reflexão conjunta das jovens estudantes, ao permitir que as mesmas expressem suas vivências, percepções e desafios relacionados à vulnerabilidade de gênero. Nesse percurso de diálogos promove a construção de conhecimento crítico e empoderador. Portanto, as atividades das ‘Geoficinas’ foram cuidadosamente planejadas (TABELA I) para envolver as estudantes em um processo reflexivo e crítico, levando-as a analisar e questionar as manifestações espaciais da vulnerabilidade de gênero em seu contexto escolar e além dele, durante os meses de dezembro de 2022 a maio de 2023.

É importante destacar que as ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’ não se limitaram apenas ao espaço físico da

escola, mas também buscaram compreender as vivências das estudantes em outros contextos e territórios que fazem parte de seus percursos urbanos.

Na TABELA II, apresenta-se a relação das doze alunas participantes da pesquisa, constituídas pelas alunas do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Garcia de Lima. É importante destacar que essas alunas representam uma diversidade de identidades femininas que se manifestam no contexto escolar. Durante os módulos das ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’, foi possível observar que os marcadores sociais, como racialidades e orientação sexual, desempenham um papel significativo no aumento da vulnerabilidade de gênero dessas estudantes. Essas questões foram exploradas ao longo das atividades, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre a interseccionalidade e suas influências na experiência das alunas.

TABELA II - Relação das estudantes da pesquisa.

TABLE II - List of research students.

Nome	Idade (anos)	Identificação das alunas
Carolina Maria de Jesus	16	Mulher, cis, negra, heterossexual
Lélia Gonzalez	16	Mulher, cis, branca, pansexual
Dandara dos Palmares	15	Mulher, cis, negra, bissexual
Carola Lorenzini	15	Mulher, cis, branca, bissexual
Frida Khalo	15	Mulher, cis, branca, bissexual
Mariele Franco	15	Mulher, cis, branca, lésbica
Eva Perón	15	Mulher, cis, branca, heterossexual
Isabel Allende	15	Mulher, cis, negra, bissexual
Maria da Penha	15	Mulher, cis, negra, heterossexual
Nísia Floresta	15	Mulher, cis, branca, pansexual
Patrícia Galvão	16	Mulher, cis, branca, bissexual
Rigoberta Menchú Tum	15	Mulher, cis, negra, lésbica

Fonte/Source: Pereira, 2023.

TABELA I - Organização das ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’.

TABLE I - Organization of the ‘Geoworkin’: gender vulnerability’.

Geoficinas	Conteúdo	Objetivos	Organização
1. Um corpo feminino viajando pelo mundo	Espacialização da condição da mulher na sociedade	Apresentar, através de mapas, a realidade da mulher na sociedade e reforçar a importância de discutir a espacialização da condição de gênero.	1. Apresentação e discussão de mapas temáticos e gráficos sobre a situação da mulher no mundo. 2. Discussão sobre o tema a partir das experiências das alunas 3. Convite para novos encontros.
2. Mulheres: a potente multiplicidade do ser	Discussão das múltiplas e plurais identidades femininas	Desconstruir a visão essencialista em torno do que “é ser mulher”. Problematicar os papéis de gênero instituídos socialmente e culturalmente. Contribuir para que as alunas conheçam mulheres de várias realidades, bem como as infinitas possibilidades de existências espaciais do gênero feminino	1. Problematicar “o que é ser mulher?” 2. Apresentação em slide diferenças culturais e múltiplas existências femininas. 3. ficina de colagens, a partir do tema de múltiplas identidades femininas.
3. Mulheres em risco: vulnerabilidade de gênero	Risco Social. Vulnerabilidade, Espaço e gênero. O corpo generificado feminino como fator de risco	Identificar e analisar quais os lugares mais perigosos e inseguros para a existência espacial do corpo da mulher	A partir da discussão de quatro mapas temáticos que abordam a instituição do direito ao voto feminino, ranking de violência de gênero, mulheres na política e independência dos países, as alunas produziram mapas sínteses dos lugares mais inseguros para a existência do corpo feminino.

Fonte/Source: Pereira, 2023.

A Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, área de estudo deste trabalho, localiza-se na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. As doze alunas residem em diferentes bairros do entorno da escola, destacando-se o bairro Fábricas, onde a instituição está situada, bem como os bairros Matosinhos e Dom Bosco (fig. 1). Esses bairros apresentam realidades heterogêneas e diversidade socioespacial, refletindo a variedade de contextos em que as alunas vivenciam o fenômeno da vulnerabilidade de gênero. A localização geográfica das estudantes (fig. 1) em diferentes áreas proporciona uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e espaciais que influenciam suas experiências e desafios relacionados à questão de gênero.

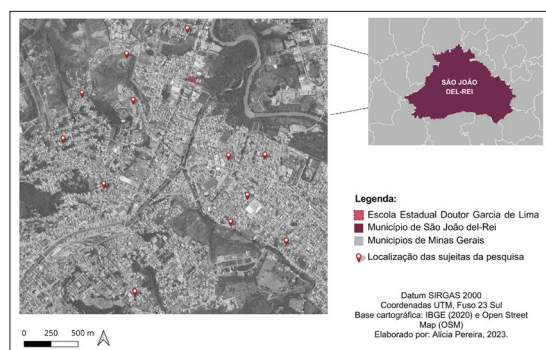


Fig. 1 - Localização das alunas da pesquisa (Fonte: Pereira, 2023).

Fig. 1 - Location of research students (Source: Pereira, 2023).

Análise e discussão dos resultados das ‘Geoficinas: vulnerabilidade de gênero’

Oficina 1: Um corpo feminino viajando pelo mundo

Esta ‘Geoficina’ marca a introdução da temática junto ao grupo de estudantes. Denominado “Um corpo feminino viajando pelo mundo”, o objetivo principal do módulo é apresentar a proposta do projeto de pesquisa às estudantes da escola, além de promover uma discussão acerca da espacialização da condição da mulher na sociedade. Durante essa etapa, enfatizou-se a importância de abordar as desigualdades de gênero e as diversas formas de violência dirigidas ao corpo feminino, presentes no espaço geográfico.

No que diz respeito ao conteúdo abordado nesse módulo, destaca-se a representação espacial da condição da mulher na sociedade, por meio da utilização de mapas temáticos que evidenciam a realidade vivenciada pelas mulheres. Essa abordagem reforçou a importância de considerar a categoria de gênero para uma análise mais ampla do espaço geográfico. O foco principal dessa ‘Geoficina’ reside, portanto, na representação espacial das desigualdades de gênero, com o objetivo de promover discussões dialógicas e críticas sobre as práticas socioespaciais.

Em relação à estrutura de organização do módulo, inicialmente, ocorreu uma discussão coletiva sobre os índices de violência contra a mulher, direitos e desigualdades de gênero, recorrendo-se a mapas temáticos que espacializam essas questões. Foram explorados os seguintes temas: *ranking* da violência contra a mulher no mundo, o marco temporal em que as mulheres conquistaram o direito de voto, a participação das mulheres na política e o panorama político na América Latina. Em um segundo momento houve elaboração de cartazes, em que as estudantes expressaram coletivamente suas reflexões e posicionamentos em relação às temáticas discutidas no módulo.

A escolha de utilizar mapas temáticos está alinhada com a perspectiva de Seemann (2003, p.52), que enfatiza o mapa como um processo que permite criar “*diferentes formas de representar, interpretar e ler a partir de nossas experiências cotidianas*”. Nesse sentido, esses mapas são compreendidos como uma oportunidade para a leitura do mapa como um “*produto social, entendendo seu processo de construção e compreendendo a natureza da representação e da linguagem em si*” (Richter, 2017, p. 287).

Dessa forma, a utilização dessas representações espaciais é vista como uma forma de expressão e comunicação das desigualdades socioespaciais relacionadas ao corpo genericado feminino, “*integrando-se às leituras e análises dos diferentes arranjos espaciais*” (Richter, 2017, p. 288). Nesse sentido, os mapas temáticos configuram-se como uma abordagem visual e simbólica das questões de gênero, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas espaciais e das experiências vividas pelas mulheres. Ademais, possibilitam a comunicação dessas questões de maneira a problematizar as desigualdades de gênero, proporcionando um panorama das desigualdades de gênero.

No caso do mapa temático em que aborda o *ranking* de violência contra a mulher no mundo (fig. 2), diversas questões foram levantadas para o debate, como por exemplo: Quais países são mais inseguros para as mulheres? Por que esses países estão classificados como os mais violentos em relação ao corpo feminino? O que contribui para essa realidade?

As alunas mostraram-se especialmente preocupadas com a posição do Brasil, que ocupa o preocupante 5º lugar nesse ranking. Além disso, elas perceberam que quatro das cinco posições ocupadas por países mais violentos são da América Latina, o que levantou questionamentos sobre as particularidades da região que influenciam nesses resultados alarmantes.

O debate gerado em torno dos mapas proporcionou um espaço para a reflexão sobre as causas profundas da violência de gênero, bem como para a busca de possíveis

soluções para mudar essa realidade. As discussões envolveram o papel das políticas públicas, da educação e da relevância da discussão desta temática, bem como a importância de combater normas culturais e sociais que perpetuam a violência contra as mulheres.

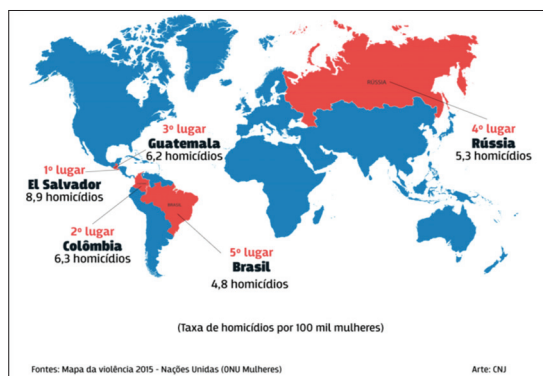


Fig. 2 - Mapa temático violência contra a mulher no mundo (Fonte: ONU Mulheres, 2020).

Fig. 2 - Thematic map: violence against women around the world (Source: ONU Mulheres, 2020).

Durante a análise e discussão referente ao mapa que representa a década em que as mulheres obtiveram o direito ao voto no mundo (fig. 3), tornou-se evidente a relação entre o tardio reconhecimento desse direito e a persistência da colonialidade em alguns países. As estudantes ficaram surpresas ao perceberem que em alguns lugares o voto feminino só foi instituído tardiamente, destacando-se a Arábia Saudita, onde o direito ao voto feminino foi estabelecido apenas em 2011, ainda com severas restrições relacionadas à exigência de permissão masculina para exercer este direito.

Esta representação proporcionou discussão acerca da distribuição geográfica do direito das mulheres, particularmente em relação ao voto feminino, que é uma esfera essencial da participação na vida pública e da expressão de suas vozes. Através dessa representação cartográfica, foi possível compreender melhor as disparidades existentes e refletir sobre as implicações políticas, sociais e culturais relacionadas à conquista e exercício desse direito. A partir do exposto, foi possível discutir, junto às estudantes, a desigualdade geográfica e temporal em relação ao direito das mulheres, despertando nelas problemáticas relacionadas às questões de gênero e o impacto da histórica exclusão das mulheres nos processos de decisão.

Em relação às representações da presença das mulheres na política (fig.s 4 e 5), realizou-se discussões em torno das seguintes questões: Qual é a percepção sobre a participação das mulheres na política? Por que é importante ter uma maior representatividade feminina nos processos políticos e na formulação de políticas públicas? Como essa realidade se manifesta no Brasil e na cidade de São João del-Rei?

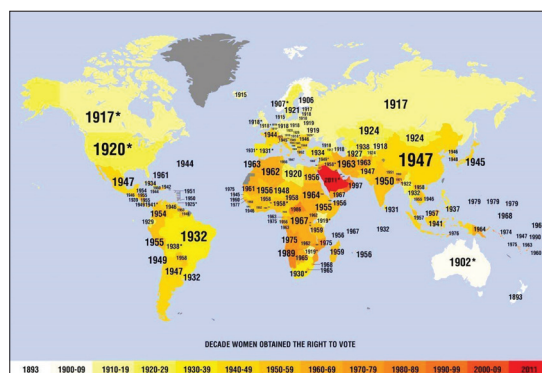


Fig. 3 - Women's right to vote thematic map (Source: ONU Mulheres, 2020).

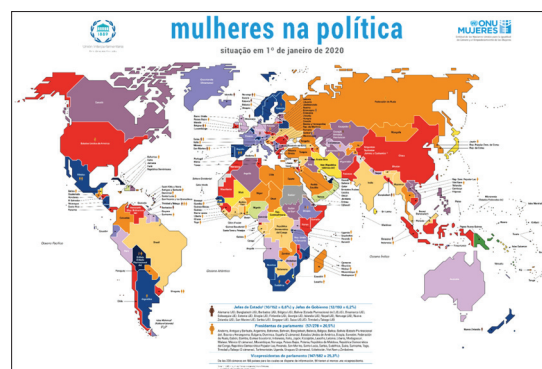


Fig. 4 - Women in politics (Source: IPU e ONU Mulheres, 2020).

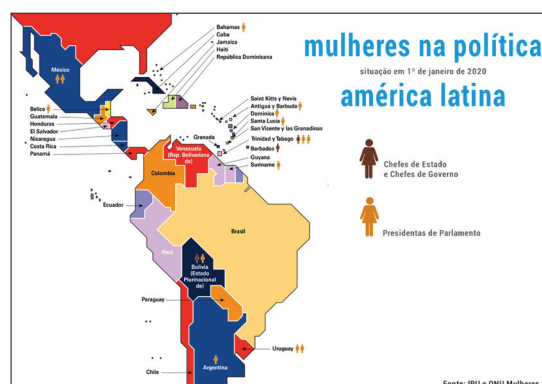


Fig. 5 - Women in politics in Latin America (Source: IPU e ONU Mulheres, 2020).

Durante as discussões, as alunas expressaram indignação com a situação das mulheres na política em todo o mundo, especialmente no Brasil. Apesar dos avanços significativos no aumento do número de mulheres ocupando cargos políticos, ainda há uma realidade

de desigualdade. Em muitos países, as mulheres historicamente foram excluídas dos espaços políticos, seja por barreiras legais, culturais ou estruturais. Embora tenhamos visto avanços significativos nas últimas décadas, com um aumento gradual do número de mulheres ocupando cargos políticos, ainda há uma disparidade evidente entre homens e mulheres nessa área. As estudantes ressaltaram que, embora algumas melhorias tenham sido alcançadas, ainda existem desafios persistentes. É importante destacar que a voz das estudantes consiste em parte fundamental deste percurso educativo geográfico, bem como do diálogo acerca da participação política das mulheres. Dentre os comentários das alunas destacaram-se:

“Quando tivemos uma presidenta no Brasil ela era chamada a toda hora de burra, isso já mostra como tratamos a mulher, o intelectual, o político” (Carolina Maria de Jesus, 2023).

“Alguns estudantes aqui da escola, toda vez que vamos falar sobre política, falam que a gente não sabe nada” (Maria da Penha, 2023).

Esta experiência demonstra que as estudantes possuem certo nível de consciência da problemática envolvendo a participação das mulheres na política e a persistente desigualdade de gênero. A análise dessas questões revela uma ampla gama de desafios e obstáculos que as mulheres enfrentam ao buscar uma representação e influência maiores nos processos políticos.

No segundo momento do módulo, a partir das reflexões e diálogos realizados, cada grupo elaborou um cartaz representativo das suas visões e conclusões. A partir disso, problematizam-se as desigualdades socioespaciais de gênero, abordando questões relacionadas à violência, direitos e participação política da mulher. Nessa etapa, foi enfatizada a voz das estudantes, permitindo que compartilhassem seus posicionamentos e relatos sobre esses temas, através da elaboração de cartazes. Suas contribuições enriqueceram as discussões, proporcionando uma visão mais ampla e contextualizada da realidade.

A confecção de cartazes (fot. 1) apresentou-se como um importante momento para continuar os diálogos e debates realizados durante a apresentação expositiva. Nesse momento, foi possível conhecer um pouco mais sobre as estudantes, suas histórias e posicionamentos em relação à condição da mulher na sociedade. As estudantes demonstraram-se bem engajadas politicamente e conscientes acerca das desigualdades entre os gêneros e também sexual, haja vista a ênfase para questões de diversidade sexual.

Dentre os aspectos levantados pelas estudantes destacam-se: - a importância de ter mais mulheres na política, para realizar políticas públicas que visem o combate à

desigualdade de gênero e, - relatos sobre violências na escola, ressaltando a importância da discussão desse tema e a necessidade de expor essa reflexão para toda a escola, em busca de transformações.



Fot. 1 - Oficina de cartazes (Fonte: Pereira, 2023).

Photo 1 - Poster workshop (Source: Pereira, 2023).

Em relação aos cartazes elaborados pelas estudantes, obteve-se duas discussões importantes: - Em um dos cartazes (fig. 7) foi possível perceber a ênfase dada ao corpo e a representação das violências, ilustradas a partir de marcas de sangue e frases de violências simbólicas proferidas às mulheres cotidianamente - “oh lá em casa”, “vem cá, linda”, “puta”, “tinha que ser mulher” - retratando os diversos tipos de violência submetidos pelas mulheres. Também, foi interessante o destaque dado ao intelecto feminino, em crítica a objetificação, sexualização dos corpos femininos e a questão racial. Assim, o cartaz (fig. 6) evidencia a centralidade do corpo ao simbolizar as experiências e vivências espaciais da mulher, a partir da visão das estudantes. Diante disso, destaca-se a abordagem que considera o corpo intrinsecamente fundamentada em uma perspectiva geográfica (Silva *et al.*, 2013).

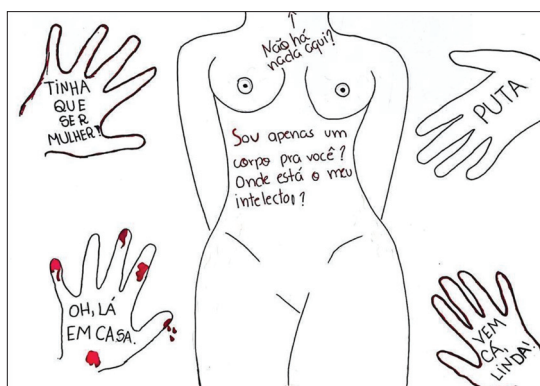


Fig. 6 - Cartaz elaborado pelas alunas (Fonte: Pereira, 2023).

Fig. 6 - Poster made by the students (Source: Pereira, 2023).

No que tange ao segundo cartaz (fig. 7), evidencia-se a valorização da diversidade e do respeito, como condições para se existir socialmente e espacialmente. As estudantes, na elaboração do cartaz, buscaram trazer características de suas identidades para demarcar que a questão de gênero também engloba questões raciais, que interferem nas experiências dessas jovens, bem como na vulnerabilidade do corpo genericado feminino.



Fig. 7- Cartaz elaborado pelas alunas (Fonte: Pereira, 2023).

Fig. 7 - Poster made by the students (Source: Pereira, 2023).

As representações de “mulher não é objeto”, “proibido tocar” e “meu corpo minhas regras” denotam crítica em relação a objetificação do corpo da mulher e das violências sofridas, representando o corpo violado. “Lugar de mulher é onde ela quiser”, “você não está sozinha”, “liberdade de expressão” e “viva aos gays” demarca o posicionamento de acolhimento, liberdade e diversidade abordado pelo grupo, que respeita as diferenças e as múltiplas identidades femininas.

Após a realização dos cartazes e socialização do mesmo para as participantes do módulo, ressalta-se o comentário da aluna Eva Perón, em que diz:

“Precisamos expor estes cartazes para toda a escola, para denunciar e conscientizar. Aqui na escola os meninos são muito machistas e precisamos falar sobre isso”.

Por conseguinte, a partir desse primeiro módulo das ‘Geoficinas’, destacam-se a riqueza dos cartazes elaborados pelas alunas, que se tornaram uma forma tangível de materializar as reflexões e posicionamentos dos grupos de estudantes, capturando de maneira visual e impactante as ideias discutidas durante as atividades, no que tange a desigualdade socioespacial de gênero. Ademais, essa dinâmica permitiu que as estudantes se engajassem ativamente no processo de reflexão e expressão, demonstrando a importância da discussão da temática no espaço escolar, visto que o relato inicial de suas experiências vão ao encontro de denunciar, refletir e combater as desigualdades de gênero.

Oficina 2: Mulheres a potente multiplicidade do ser

O módulo intitulado “Mulheres: a potente multiplicidade do ser” das ‘Geoficinas’ consiste em um espaço de reflexão e diálogo acerca das múltiplas identidades femininas e as formas como as mulheres se posicionam e se relacionam espacial e socialmente. O principal objetivo desse módulo compreende desconstruir identidades essencialistas (que são concepções que

atribuem características fixas, imutáveis e intrínsecas a determinados grupos sociais, como gênero, raça, etnia, orientação sexual, entre outros. Essas concepções acreditam que a identidade de uma pessoa está determinada por características biológicas ou culturais específicas e que essas características definem de forma essencial seu significado. Judith Butler (2018) e Stuart Hall (2006) discutem e buscam desconstruir em suas teorias as identidades essencialistas) e questionar os papéis de gênero que são instituídos social e culturalmente.

Uma das propostas desse módulo foi explorar as múltiplas realidades femininas através da identificação de mulheres que as alunas conheciam, admiravam ou se sentiam representadas. Essas mulheres foram, então, espacializadas conforme seus países de origem, abrindo espaço para discussões acerca das múltiplas identidades femininas e das diferentes experiências vivenciadas por mulheres em diferentes contextos geográficos.

Essa espacialização configurou-se como um ponto de partida para aprofundar a discussão sobre as complexidades das identidades femininas. Ao trazer exemplos concretos de mulheres que as alunas conheciam e que as inspiraram de alguma maneira, as alunas puderam ampliar sua compreensão sobre as variadas formas de ser mulher e entender a importância de valorizar a diversidade de experiências e perspectivas.

Esta ‘Geoficina’ estruturou-se de forma a explorar diferentes aspectos da identidade, levando em consideração a diversidade cultural. Inicialmente, discutiu-se a respeito do conceito de identidade, explorando as várias dimensões que a compõem. Focou-se especialmente na diversidade cultural e nas influências que moldam as identidades individuais e coletivas. Em um segundo momento, direcionou-se a reflexão para as identidades femininas e a importância de reconhecer a categoria “mulher” em sua pluralidade.

Durante o primeiro momento do módulo, realizou-se uma atividade de espacialização de mulheres que as alunas consideram relevantes para a discussão dos feminismos, direitos e representatividade. Essa atividade foi realizada de forma colaborativa, utilizando a plataforma *Canva*, na qual cada integrante selecionou e destacou uma mulher de sua escolha (fig. 8).

Nesta atividade ressaltam-se comentários das estudantes referente a admiração e inspiração, a partir de mulheres como Angela Davis e bell hooks, em que a aluna Patrícia Galvão destaca:

“Quando falamos em feminismo não podemos esquecer de mulheres que retratam a realidade da mulher negra e falam sobre isso”.

Também, obteve-se escolhas relacionadas à identificação pessoal e familiar, a aluna Eva Perón ressalta:



Fig. 8 - Espacialização de mulheres pelo mundo, a partir de indicação das alunas (Fonte: Pereira, 2023).

Fig. 8 - Spatialization of women around the world, based on students' indication (Source: Pereira, 2023).

“Minha mãe é bióloga e feminista e sempre fala da importância de Bertha Lutz para a ciência”.

Durante essa atividade, as estudantes expressaram comentários que refletem admiração e inspiração, citando personalidades como Angela Davis, bell hooks. Uma das alunas destaca “quando falamos em feminismo não podemos esquecer de mulheres que retratam a realidade da mulher negra e falam sobre isso” (Patrícia Galvão, 2023). Além disso, houve escolhas que envolveram identificação pessoal, mencionada pela aluna Eva Perón que compartilhou a influência de Bertha Lutz na ciência, citada pela mãe, que é bióloga e feminista. Evidenciou-se, nesse processo coletivo de personalidades femininas ressaltadas pelas alunas, a necessidade de reconhecer e valorizar as diferentes experiências e perspectivas das mulheres, inclusive em relação a questões de raça, orientação sexual e classe social.

Em um segundo momento, conduziu-se à elaboração de colagens (fig. 10), a fim de retratar as múltiplas

identidades femininas e maneiras de existir espacialmente. Foram distribuídas 46 revistas para as estudantes, disponíveis no acervo da escola para recorte, de marcas populares como Elle, Veja, Bazar, Planeta, Mundo, Escola, dentre outras. As nove alunas presentes no módulo dividiram-se em duplas e elaboraram ao total quatro colagens (fig. 9).

Ao analisar as colagens realizadas pelas alunas, destacam-se conceitos e expressões relacionadas aos riscos sociais, à luta feminista e à Geografia. Em relação aos riscos, enfatizaram-se os conceitos de “catástrofes sociais”, “resistência” e “exposição”, evidenciando sua compreensão sobre os perigos decorrentes da desigualdade de gênero, nos quais as mulheres estão expostas a situações perigosas. A colagem que retrata a palavra “exposição” junto com a imagem de uma mulher indígena resalta a vulnerabilidade espacial desses corpos, como é o caso das mulheres indígenas. Algumas expressões, como “revolta”, “crítica”, “luta” e “mais diversidade”, refletem a importância de discutir essa temática sob uma perspectiva de luta social diante da vulnerabilidade de gênero.

Além disso, observa-se a presença de conceitos geográficos como “escala”, “corpo”, “lugar” e “população”, o que revela um certo nível de apropriação desses conceitos pelas alunas, que embasam os módulos desenvolvidos para analisar a realidade socioespacial do corpo feminino em relação ao gênero. As representações presentes nessas colagens demonstram a compreensão das alunas sobre as questões de risco, luta e geografia relacionadas à desigualdade de gênero, proporcionando uma visão mais ampla e sensível da espacialidade da vulnerabilidade feminina.

Deste modo, o módulo 2 possibilitou às alunas desafiar estereótipos e estigmas associados às

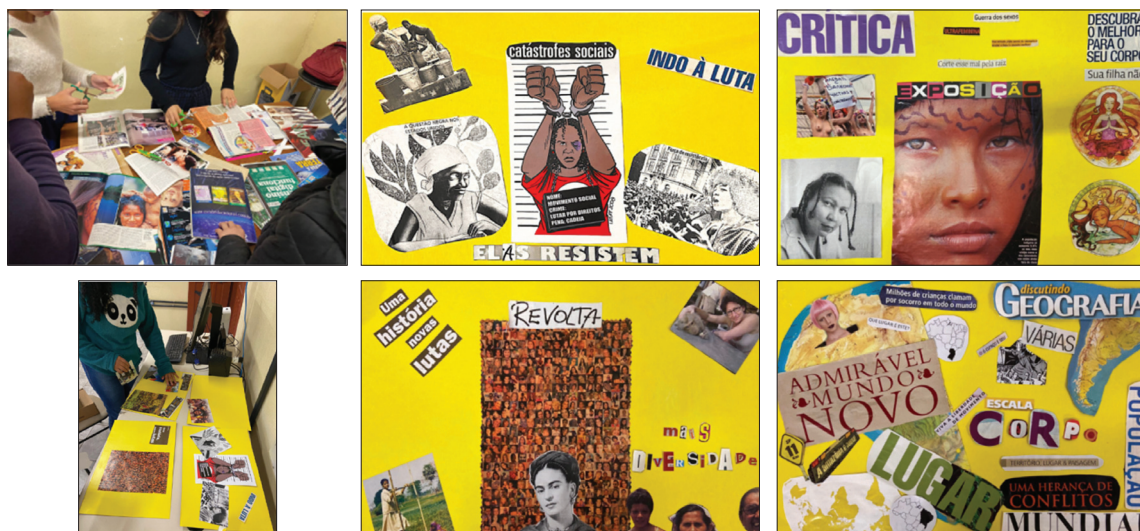


Fig. 9 - Colagens elaboradas pelas estudantes (Fonte: Pereira, 2023).

Fig. 9 - Collages made by students (Source: Pereira, 2023).

mulheres, estimulando-as a refletir sobre a construção social dos papéis de gênero e a valorizar as histórias e trajetórias individuais de cada mulher. Além disso, através da socialização das colagens, ampliou-se a visão sobre os riscos sociais enfrentados pelas mulheres, a luta feminista e a importância da Geografia nesse contexto. Ao selecionar imagens, palavras e expressões relacionadas a esses temas, as alunas pensaram acerca das diferentes dimensões da vulnerabilidade de gênero e como ela se manifesta espacialmente.

Por fim, as colagens permitiram que as alunas expressassem suas próprias perspectivas, opiniões e reflexões acerca das temáticas abordadas. Através da escolha de figuras e palavras que representam suas ideias e sensações, puderam desenvolver a capacidade de expressão criativa e crítica. As colagens também estimularam o pensamento crítico das alunas, uma vez que tiveram que refletir acerca das imagens selecionadas, as relações entre elas e os conceitos trabalhados. Esse exercício de análise e interpretação contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de pensamento espacial e geográfico, permitindo que as alunas explorem a interação entre a dimensão social e espacial da vulnerabilidade de gênero.

Oficina 3: Mulheres em risco: vulnerabilidade de gênero

Esta oficina concentrou-se nas discussões sobre as violências e perigos enfrentados pelas mulheres, explorando a espacialização do índice de feminicídios, a ausência de direitos e a falta de representatividade feminina em cargos de poder. Durante o diálogo com as estudantes, buscou-se compreender e refletir sobre as sensações de risco e perigo que permeiam o corpo feminino no contexto geográfico.

A intenção central do módulo consiste em identificar e analisar os espaços mais perigosos e inseguros para a existência das mulheres, tanto no âmbito espacial como corporal. Para isso, retomou-se os três mapas temáticos utilizados no módulo 1 das 'Geoficinas', juntamente com um mapa que representa o ano de independência dos países ao redor do mundo. Esses mapas incluem a representação da instituição do voto feminino, o *ranking* de feminicídios no mundo, a presença das mulheres na política e os anos de independência dos países (fig. 10). Esses mapas serviram como referência para as discussões e comunicação acerca das violências e perigos enfrentados pelas mulheres, explorando a espacialização do índice de feminicídios, a falta de direitos, a escassa representatividade feminina em cargos de poder, bem como a relação entre as violências e as heranças coloniais (em que Ferrara (2019) aborda que os sintomas do colonialismo nas sociedades atuais e teorias que apresentam reflexões sobre os mesmos traços associados aos sinais da histórica dominação masculina influenciam

na perpetuação da violência contra a mulher) que ainda reverberam nos níveis de violência contra as mulheres.

Esta 'Geoficina' foi estruturada em dois momentos. No primeiro momento, discutiu-se as desigualdades e violências de gênero, utilizando os mapas temáticos como ferramentas de reflexão. Esses mapas fornecem um ponto de partida para a análise das disparidades e dos desafios enfrentados pelas mulheres em relação à sua segurança e igualdade. No segundo momento, houve a elaboração de mapas sínteses, os quais foram produzidos a partir das ideias e concepções desenvolvidas pelas alunas ao longo do módulo. Esses mapas têm como objetivo sintetizar e representar visualmente as reflexões e aprendizados realizados pelas alunas durante o processo.

A Partir da discussão em torno da violência contra a mulher no mundo, em destaque o Brasil, e das faltas de políticas públicas de combate a essa violência e desigualdades, as estudantes representaram os lugares mais inseguros e seguros em relação ao corpo generificado feminino (fig.'s 10, 11 e 12).

Apartir da reflexão sobre os países que se destacam pelos altos índices de violência contra a mulher e feminicídios, as alunas buscaram representar visualmente os lugares que são considerados "mais inseguros" e "inseguros" para as mulheres (fig. 11).

Essa representação visual permitiu que as alunas expressassem sua percepção sobre os lugares onde as mulheres enfrentam maiores desafios em termos de segurança. Ao criar essa representação, as alunas destacaram os lugares onde a violência de gênero é mais prevalente e as mulheres estão mais expostas a riscos e perigos.

Ademais, as alunas representam espacialmente a condição das mulheres no poder, como chefes de estado ou governantes de diferentes países, seja como presidentes ou vice-presidentes (fig. 12). Durante esse processo, as alunas destacaram especialmente o caso do *impeachment* da ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, como um exemplo significativo. A análise desse caso específico despertou o interesse das alunas, levando-as a refletir sobre as questões de gênero e poder na política. Elas discutiram a importância de analisar os desafios enfrentados pelas mulheres em cargos de liderança e como isso pode ser influenciado por dinâmicas políticas e sociais complexas.

Através da espacialização do índice de feminicídios, possibilitou-se visualizar e analisar a distribuição geográfica desses crimes, o que ajudou as alunas a compreenderem a gravidade da situação e a refletir sobre as causas e possíveis ações de combate a estas violências.

Além disso, discutiu-se a falta de direitos e a pouca representatividade das mulheres em posições de poder, evidenciando como essas questões contribuem para a vulnerabilidade de gênero. Através do diálogo com

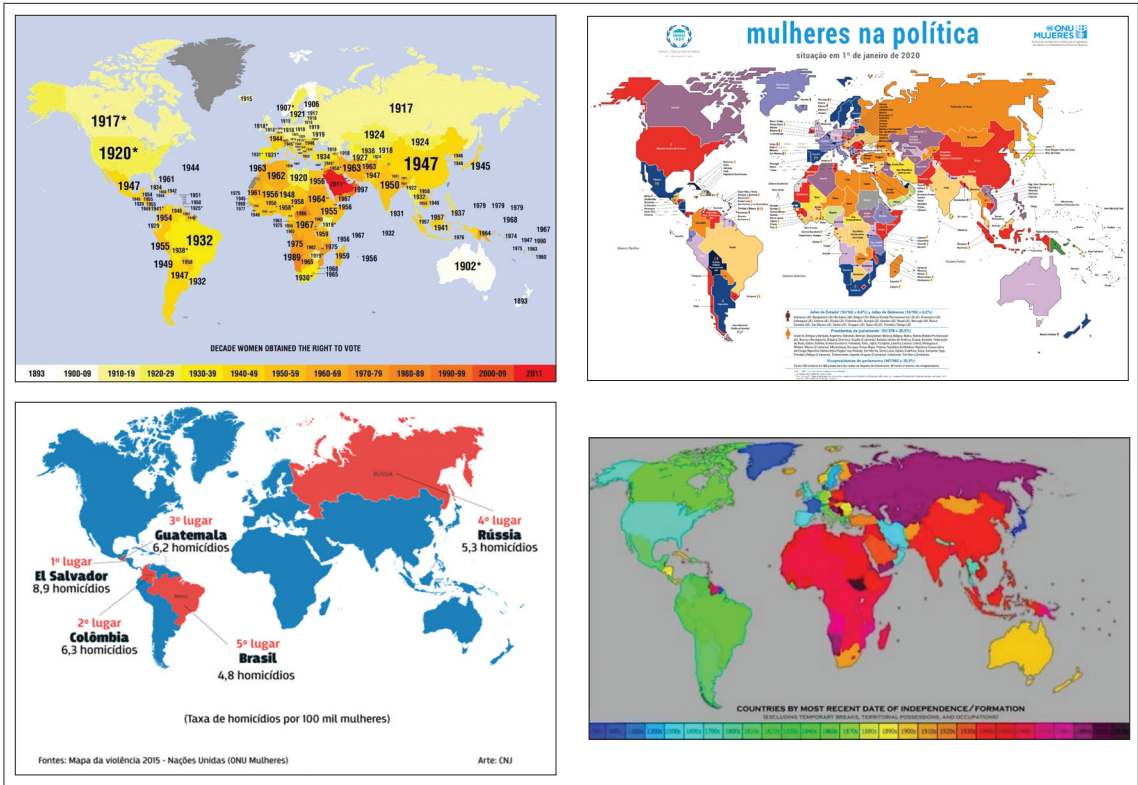


Fig. 10 - Mapas temáticos utilizados na ‘Geoficina’ (Fonte: IPU e ONU Mulheres, 2020).

Fig. 10 - Thematic maps used in the ‘Geoworkin’ (Source: IPU e ONU Mulheres, 2020).

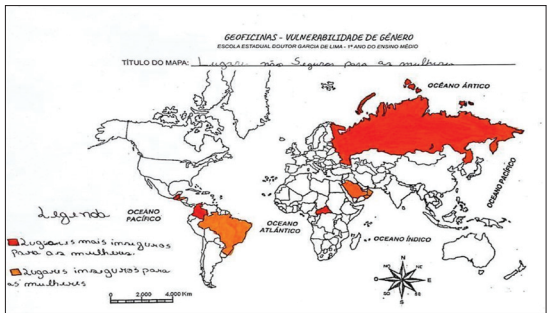


Fig.11- Mapa síntese “lugares mais inseguros para as mulheres” (Fonte: Pereira, 2023).

Fig.11 - Summary map “The most unsafe places for women” (Source: Pereira, 2023).

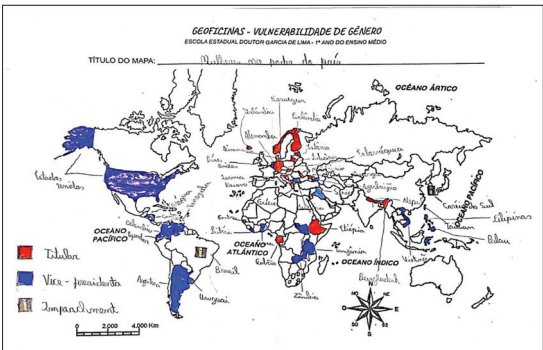


Fig.12 - Mapa síntese “Mulheres no poder” (Fonte: Pereira, 2023).

Fig. 12 - Summary map “women in power” (Source: Pereira, 2023).

as estudantes, buscou-se ampliar a consciência sobre as desigualdades de gênero presentes na sociedade e incentivar a reflexão sobre a importância da participação ativa e da luta por igualdade.

Sendo assim, a partir das Geoficinas, observou-se que as estudantes:

- (i) têm vivenciado ou vivenciaram alguma forma de violência de gênero;
- (ii) reconhecem a vulnerabilidade de gênero, porém ainda não haviam explorado a fundo as estruturas sociais, espaciais e de poder que geram esse tipo de risco; e

- (iii) durante as Geoficinas, demonstraram engajamento em atitudes e ações para promover a segurança, prevenir e reduzir os riscos, tanto na escola quanto no bairro. Além disso, constata-se que a questão de gênero emerge como um fator de risco significativo entre as jovens estudantes, uma vez que o marcador de gênero influencia diretamente a exposição e a vulnerabilidade desses corpos. Isso é reflexo de uma sociedade marcada por tradições patriarcais que marginalizam as mulheres, resultando em violências e desigualdades de gênero.

Considerações finais

Na atualidade, apesar das conquistas significativas em relação à posição das mulheres na sociedade, impulsionadas pelo fortalecimento dos movimentos feministas, leis de proteção contra a violência de gênero e campanhas de conscientização, ainda persistem as heranças patriarcais, misóginas e racistas, que continuam gerando riscos para o corpo generificado feminino. Essas persistências revelam a estrutura dos mecanismos sociais de poder e a reprodução das desigualdades, estando associadas às questões históricas, sociais, culturais e políticas da nossa formação como sociedade.

O estudo ressalta a importância de considerar a escola como um espaço onde se constroem e reproduzem diversos elementos que moldam a sociedade. O percurso educativo comprometido com a formação cidadã, igualitária e ética, representa uma oportunidade para questionar as heranças políticas e sociais e construir redes de resistência frente à violência de gênero. Nesse sentido, ao trabalhar com a produção social dos riscos, torna-se possível repensar os conflitos atuais, as espacialidades e práticas presentes na vida das jovens estudantes, tanto dentro da escola quanto na cidade em que vivem. A análise da espacialidade dos processos perigosos enfrentados pelas alunas permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero presentes em suas vidas, evidenciando a necessidade de transformação e empoderamento.

Ao discutir o risco social no contexto do corpo generificado feminino e considerar a construção das identidades no espaço escolar, torna-se crucial refletir sobre a dinâmica geográfica do espaço-corpo. Isso implica problematizar os discursos hegemônicos, as produções de riscos relacionados ao gênero feminino na sala de aula e as estruturas cotidianas de desigualdades de gênero, que reproduzem hierarquias e são parte integrante do ambiente de formação das alunas em questão. É fundamental continuar investigando e dialogando sobre essas questões, visando a construção de uma sociedade mais igualitária e livre de violências de gênero.

Referências bibliográficas

Abellan-Perpiñan, J. M. (2010). *Los riesgos sociales y su percepción*. Murcia: eysiec. Disponível em: https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/12715/1/esyec%20investigacion%202010_05.pdf. acesso em: 15 de março de 2023.

Almeida, L. Q. (2011). Por uma ciência dos riscos e vulnerabilidades na geografia. *Mercator*, Fortaleza, v. 10, n. 23, 83-99.

Bauman, Z. (2014). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar editora.

Beck, U. (1998). *Risikogesellschaft. Aufdem weg in eine andere moderne*. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.

in: Alexandre, agripa f. *A dinâmica da sociedade de risco segundo Anthony Giddens e Ulrich Beck*. geosul, florianópolis, v.15, 0.30, 150-167.

Blaikie, P. (1996). *Vulnerabilidad: el entorno social, político y económico de los desastres*. Bogotá, la red.

Blaikie, P., Cannon, T., Davis, I., Wisner, B. (2004). *At risk: natural hazards, people's vulnerability, and disasters*. 2. ed. London: Routledge, 471 p.

Butler, J., Miller J. (2017). Social risk and the dimensionality of intentions. *Management Science*, Março, 1-55.

Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.

Callai, H. C. (2010). *A geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica*. Moraes, emb; moares, lb formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia. Goiânia: Nepec, 15-37.

Canil, K. (2021). *Vulnerabilidades, riscos e justiça ambiental em escala macro metropolitana*. Mercator (fortaleza).

Canil, k., Lampis, A., Santos, K. L. dos (2020). Vulnerabilidade e a construção social do risco: uma contribuição para o planejamento na macrometrópole paulista. *Cadernos Metrôpole*, v. 22, 397-416.

Castro, F. V. de, Fernandes, J. L. J. (2019). Territórios quotidianos, riscos sociais e vulnerabilidade da população: análise preliminar do conceito de urbidio. In Lourenço, L., Vieira, A. (coord.) *Catástrofes Antrópicas. Uma aproximação integral*, volume VIII, Série Riscos e Catástrofes. IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 413-433. DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1867-8_9

Cavalcanti, L. de S. (2019). *Pensar pela geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: com alfa comunicação, 121-139.

Cavalcanti, L. de S. (2016). Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, v. 1, 2002. O olhar geográfico em formação: jovens estudantes de geografia e desafios urbanos contemporâneos. Paula, af de assis, Cavalcanti, Lana de Souza, Pires, lm (org.) os jovens e suas espacialidades. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 121-142.

Cavalcanti, L. de S. (2012). *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. 3. ed. Campinas, sp: papirus.

Cavalcanti, L. de S. (2013). *O ensino de geografia na escola*. Campinas: papirus.

Cavalcanti, L. de S. (2002). *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: alternativa.

- Corrêa, R. L., Rosendahl, Z. (2012). *Geografia Cultural: uma antologia*. Scielo-eduerj.
- Crenshaw, K. W. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 171-188.
- Foucher, M. (1989). *Lecionar a geografia, apesar de tudo*. in: vesentini, j. w. (org.). *Geografia e Ensino: textos críticos*. ed. Campinas, papirus.
- Gird 10+ (2021). Caderno técnico de gestão integrada de riscos e desastres. Coordenação: Samia nascimento Sulaiman. 1 ed. Brasília, DF. Ministério desenvolvimento regional: secretaria nacional de proteção e defesa civil.
- Gomes, P. C., da C. (2017). *Quadros Geográficos. Uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, P. C., da C. (2013). *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 2103.
- Gomes, P. C., da C. (2009). *Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: associação de defesa do meio ambiente e desenvolvimento de antonina (ademadan), p. 13-30.
- Gomes, P. C., da C. (2002). *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Bertrand, Brasil.
- Gomes, P. C., da C. (1997). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*.
- Guareschi, N. M., Reis, C. D., Huning, S. M., & Bertuzzi, L. D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 7(1), 20-30.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, 7-41.
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2ª edição.
- Le Breton, D. (2010). *A sociologia do corpo*. 4.ed. Rio de Janeiro: vozes.
- Lourenço, L. (2015). Risco, perigo e crise: pragmatismo e contextualização. in: Siqueira, A., Valencio, N., Siena, M., Malagoli, M. A. *Riscos de desastres relacionados à água. Aplicabilidade de bases conceituais das ciências humanas e sociais para a análise de casos concretos*. São Paulo: Rima Editora, 3-43.
- Lourenço, L., Amaro, A. (2018). *Riscos e crises: da teoria à plena manifestação*, volume VI, Série Riscos e Catástrofes. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 523 p.
DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1697-1>
- Louro, G. L. (2010). Pedagogias da sexualidade. in: Louro, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 7-34.
- Mendes, J. M. (2015). *Sociologia do risco. Uma breve introdução e algumas lições*, volume II, Série Riscos e Catástrofes, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 106 p. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1066-5>
- Moreira, R. (2015). *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto.
- OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2020). *Estudio multipais de la OMS sobre salud de la mujer y violencia doméstica contra la mujer*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>
- Pereira, A. de O. M. (2023). *Corpos femininos como fator de risco social: Educação Geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade de gênero entre jovens alunas (Dissertação de Mestrado)*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de São João del-Rei. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/CORPOS%20FEMININOS%20COMO%20FATOR%20DE%20RISCO%20SOCIAL%20EDUCACAO%20GEOGRAFICA%20PARA%20A%20ANALISE%20ESPACIAL%20DA%20VULNERABILIDADE%20DE%20GENERO%20ENTRE%20JOVENS%20ALUNAS.pdf>
- Pereira, A. de O. M., Giarola, L. L., Souza, C. J. de O. (2022). Contribuições do risco social na elaboração de um boletim geográfico educativo intitulado “vulnerabilidade e pandemia da covid-19”. *Estudos geográficos: Revista Eletrônica de Geografia*, v. 20, n. 2, 278-279.
- Richter, D. (2017). A linguagem cartográfica no Ensino de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 7(13), 277-300.
- Seemann, J. (2003). Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade in: *Revista Geografares*, n. 04, 49-60.
- Silva, J. M., Ornat, M. J., Chimin, A. B. J. (2013). *Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço*. Ponta Grossa: Todapalavra, 400 p.
- Silva, J. M. (2009). *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta grossa: Todapalavra, 313 p.
- Veyret, Y. (2007). Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. in: *Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente*. 319 p.